

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

DEPARTAMENTO DE DIREITO

LUCIA VERONICA MUNIZ DE PAULO

**ANÁLISE DE CAPITÃES DA AREIA SOB A PERSPECTIVA DA CRIMINOLOGIA
CULTURAL**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

LUCIA VERONICA MUNIZ DE PAULO

**ANÁLISE DE CAPITÃES DA AREIA SOB A PERSPECTIVA DA CRIMINOLOGIA
CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito
para obtenção de graduação em Direito.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Miriam Coutinho de Faria
Alves.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

**ANÁLISE DE CAPITÃES DA AREIA SOB A PERSPECTIVA DA CRIMINOLOGIA
CULTURAL**

LUCIA VERONICA MUNIZ DE PAULO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal de
Sergipe como pré-requisito para obtenção
de graduação em Direito.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Miriam Coutinho
de Faria Alves.

São Cristóvão, _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Miriam Coutinho de Farias Alves
(Orientadora)

M^a Kelly Helena Santos Caldas
(Examinadora)

Prof. Dr. Eduardo Lima de Matos
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, a espiritualidade amiga e a Joanna de Ângelis, por todos os ensinamentos e oportunidades. Que eu possa estar sempre em sintonia com esse amor sublime que dedicam a toda humanidade.

Agradeço aos meus pais, Ivone e João Paulo, por toda dedicação e amor que nutriram e nutrem por mim e por meus irmãos. Sem esse sentimento fraternal que cultivaram em meu coração, jamais teria trilhado os caminhos luminosos da vida.

Agradeço também a meu amigo-irmão Rodrigo, que é um dos meus companheiros de jornada entre existências, e que sem o qual não teria aprendido tanto.

Gratidão a todos e todas que dedicaram a mim bons pensamentos e orientações edificantes.

"(...) não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentimentos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura de próprio punho, outras letras e marcas havia." Conceição Evaristo

"Grande - é a cultura que ensina.

Maior - é a caridade que socorre."

Emmanuel

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar a obra “Capitães da Areia” de Jorge Amado sob a perspectiva da Criminologia Cultural, dando foco à teoria da subcultura delinquente. Traça as semelhanças entre essa narrativa e a realidade fática, tanto da época de publicação do livro quanto dos dias atuais. Por meio do método hermenêutico de base indutiva, busca demonstrar a grande utilidade que a literatura apresenta na construção de novas perspectivas para a sociedade e, principalmente, para o direito. A análise revela a estigmatização das crianças moradoras de rua e a marginalização da pobreza denunciadas na obra amadiana, assim como a necessidade de algumas minorias sociais em criarem suas próprias subculturas.

Palavras-chave: Capitães de Areia; Criminologia cultural; Estigmatização; Marginalização; Subcultura delinquente.

ABSTRACT

This graduation course work aims to analyze the book "Captains of the Sands", by author Jorge Amado, under the scope of the Cultural Criminology, focusing on delinquent subculture theory. It traces the similarities between this narrative and actual reality, travelling from the time of release of the book all the way to current days. Through the hermeneutic method of inductive basis, it tries to demonstrate the matter of literature in the construction of new perspectives to society and, mainly, for law. This analysis reveals the stigmatization put on homeless kids and the marginalization of evident poverty in Amadian works, as well as the need of some minorities to create their own subcultures.

Key-words: Captains of the Sands; Cultural Criminology; Delinquent subculture; Marginalization; Stigmatization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DA VIDA E OBRA DE JORGE AMADO ...	10
3 CAPITÃES DA AREIA - AS CRIANÇAS-ADULTAS	16
4 ANÁLISE DA FIGURA SIMBÓLICA DE CAPITÃES DA AREIA SOB A PERSPECTIVA DA CRIMINOLOGIA CULTURAL	20
4.1 Proposta da Criminologia Cultural	20
4.2 Subcultura Delinquente	24
4.3 Direito além da normatividade	27
5 PROCESSOS DE DESUMANIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL DE JOVENS E CRIANÇAS A PARTIR DE CAPITÃES DA AREIA	29
5.1 Crianças adultas	30
5.2 Humanização dos socialmente marginalizados	31
5.3 Criminalização da pobreza e institucionalização	33
5.4 Essencialização do criminoso	36
6 ANÁLISE JUSLITERÁRIA DOS PERSONAGENS DE CAPITÃES DA AREIA	38
6.1 Sem-Pernas: o trapezista do crico	39
6.2 Experiência no bairro da graça	40
6.2.1 Conflito	42
6.2.2 Construções internas de Sem-Pernas	44
7 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *Capitães da Areia* sob a ótica da Criminologia Cultural, relacionando-a à literatura e à sociologia jurídica. O método utilizado foi o hermenêutico de caráter indutivo, uma vez que estuda a obra mencionada com o objetivo de compreender mais profundamente os processos de marginalização social e a formação de grupos subculturais. Ademais, relaciona os eventos criados por Jorge Amado com o contexto sociopolítico vigente em seu período.

O romance *Capitães da Areia* foi escrito durante o período chamado Estado Novo, que foi um momento vivenciado no Brasil marcado pelas pressões sociais e políticas geradas pelo então presidente, Getúlio Vargas. A obra traz, de forma evidente, o posicionamento político que Amado carregava nessa época, o que ocasionou a sua prisão e a queima de alguns exemplares desse livro em praças públicas. O autor buscava evidenciar as mazelas sociais e a marginalização por meio de seus personagens, dando voz aos que não costumavam ser observados como seres dignos de serem ouvidos.

A literatura, como forma de releitura do mundo não ficcional, ganha autonomia e cria seus próprios universos. Por isso, é importante reconhecer o papel simbólico de cada figura criada pelos autores, o que cada uma representa e quais as suas funções dentro de seus contextos.

Cada personagem configura valores ideológicos que adquirem significação a partir do confronto com outros valores configurados por outras personagens. Não nos interessa interpretar objetivamente as experiências vivenciadas por elas, mas a maneira como este conteúdo é narrado. (LIMA, 2009, p. 16)

Os personagens são as partículas formadoras dos universos factuais criados pelas obras de literatura ficcional. Como tais, são pequenos pedaços de um quebra-cabeças, em que a análise de suas subjetividades, bem como seus desempenhos na história, são os meios de desvendar quais elementos do mundo real o seu criador - ou sua criadora - pretende representar.

Embora seja importante a análise das teorias do direito e da criminologia, o essencial é compreender o fenômeno social com vistas à realidade. Não existe direito

sem o meio social. O comportamento daqueles que fazem análises com o objetivo único de desvendar as nuances da normatividade é mais propenso ao equívoco interpretativo, ao afastamento das soluções e da compreensão do ato delituoso. O que é entendido como direito depende diretamente da vontade daquele que o interpreta. Assim sendo, o direito somente se aproximará da realidade quando os seus intérpretes buscam isso efetivamente, sem esconderem-se atrás da cortina entre o mundo real e a ficção jurídica criada pela normatividade.

O distanciamento entre a legislação e as vivências sociais não torna a aplicação do direito penal um processo transformador de indivíduos, mas sim num “processo estagnador”, que mantém o sujeito tão marginalizado quanto quando entrou no sistema penal, ou num “processo retrogradador”, que o faz sucumbir à condição de não humano.

A marginalização cria os rótulos sociais, e esses estreitam não só o olhar daqueles que os criam e os compartilham, mas também horizontaliza a visão das suas vítimas. Ao longo do presente trabalho, será possível observar como Jorge Amado construiu seus personagens de maneira a partilhar com o público esse sentimento gerado nas vítimas do abandono social. Hábitos, aspirações, medos, origens, levam o leitor a uma imersão no mundo dessas crianças, no mundo real. Quando essa imersão é alcançada, um convite é feito, o de desenvolver uma forte empatia pelos Capitães da Areia e por todas as crianças e jovens em situação semelhante. O autor, mesmo durante a exposição de comportamentos problemáticos de alguns personagens, contrapõe, dentro da narrativa, as suas possíveis causas, sem os transformar em vilões, e sim em seres simplesmente humanos.

2 CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO DA VIDA E OBRA DE JORGE AMADO

Jorge Amado, nascido no dia 10 de agosto de 1912, em Itabuna/BA, é considerado um dos maiores e mais célebres autores da literatura nacional. A contribuição para a cultura brasileira é inegável, o que torna imprescindível a análise das influências sociais que inspiraram o autor para a construção e elaborações de seu legado. O presente capítulo foi construído a partir da cronologia elaborada por Goldstein e Souza, presente no pós-fácio da edição 2008 de *Capitães da Areia*, produzida pela editora Companhia das Letras.

Em 1914, mesmo ano de início da Primeira Guerra Mundial, seus pais mudam-se para Ilhéus, onde ele inicia sua alfabetização. Em 1917, inicia-se na Rússia a revolução que, sob a liderança de Lênin, levaria os comunistas ao poder.

A Semana de Arte Moderna, em 1922, agrega em São Paulo diversos artistas como Tarsila do Amaral, Heitor Villa-Lobos, Mário e Oswald de Andrade. Nesse mesmo ano, Benito Mussolini é convocado a formar governo na Itália. Em 1923, na Bahia, Jorge Amado escreve uma redação escolar cujo título é "O mar"; o seu professor, o padre Luiz Gonzaga Cabral, bastante impressionado com o texto, passa a lhe emprestar livros de autores como Jonathan Swift, Charles Dickens e Walter Scott. Em 1925, Jorge Amado foge do colégio interno Antônio Vieira, em Salvador, e atravessa o sertão baiano em direção ao estado de Sergipe, rumo à casa do seu avô paterno, onde passa dois meses.

Ainda aluno do Ginásio Ipiranga, em Salvador, no ano de 1927, Amado passa a trabalhar como repórter policial para o *Diário da Bahia* e para *O imparcial*; publica em *A Luva*, revista de Salvador, o texto "Poema ou prosa". Em 1928, José Américo de Almeida lança o livro *A bagaceira*, que fora um verdadeiro marco da ficção regionalista do nordeste brasileiro, no qual, segundo Jorge Amado, se "falava da realidade rural como ninguém fizera antes". Amado integra a Academia dos Rebeldes, grupo a favor de "uma arte moderna sem ser modernista". Em 1929, Jorge Amado, utilizando o pseudônimo Y. Karl, publica em *O Jornal* a novela *Lenita*, escrita em conjunto com Edson Carneiro e Dias da Costa. Nesse período, o Brasil vê declinar a política do café-com-leite, em que políticos de São Paulo e Minas Gerais alternavam na presidência da República. A Revolução de 1930 destituiu Washington Luís e nomeia Getúlio Vargas presidente.

Em 1932, desata-se em São Paulo a Revolução Constitucionalista. Adolf Hitler, Em 1933, assume o poder na Alemanha, e Franklin Delano Roosevelt torna-se presidente dos Estados Unidos da América. Ainda em 1933, Jorge Amado se casa com sua primeira esposa Matilde Garcia Rosa. Em 1934, Getúlio Vargas é eleito por voto indireto presidente da República. De 1931 a 1935, Jorge Amado frequenta a Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, mas jamais exerceu a advocacia. Amado identifica-se com o Movimento de 30, do qual faziam parte Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, entre outros escritores que se mostravam inquietos com as questões sociais e com a valorização de particularidades regionais. Em 1933, Gilberto Freyre publica *Casa-grande & senzala*, que marca intimamente a perspectiva de mundo de Jorge Amado. O romancista baiano publica seus primeiros livros: *O país do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934). Em 1935, nasce sua primeira filha Eulália Dalila.

Com a chegada do ano de 1936, Jorge Amado encontra problemas por sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro. Surgem nesse período os livros *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). Amado é preso nesse mesmo ano, sob acusação de ter participado, no ano anterior, da Intentona Comunista, e novamente em 1937, após o início do Estado Novo. Em Salvador, seus livros são queimados em praça pública. Em setembro de 1939, as tropas alemãs invadem a Polônia dando início a Segunda Guerra Mundial. Em 1940, Paris é tomada pelo exército alemão. No mesmo ano, Winston Churchill torna-se primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Em 1941, durante o Estado Novo, Jorge Amado viaja à Argentina e ao Uruguai, onde pesquisa a vida de Luís Carlos Prestes, com intuito de escrever uma biografia, que viera a ser publicada na cidade de Buenos Aires em 1942, primeiramente sob o título de *A vida de Luís Carlos Prestes*, que ganha, posteriormente, o novo título: *O cavaleiro da esperança*. Quando volta ao Brasil, é preso pela terceira vez, sendo transferido para Salvador sob vigilância. Em junho de 1941, os alemães tomam a União Soviética. Em dezembro desse mesmo ano, os japoneses bombardeiam a base norte-americana de Pearl Harbor, e os Estados Unidos declaram guerra aos países do Eixo. O Brasil entra na Segunda Guerra Mundial em 1942, posicionando-se ao lado dos aliados. Jorge Amado colabora na *Folha da Manhã*, de São Paulo, torna-se chefe da redação do diário *Hoje*, do PCB, e

secretário do Instituto Cultural Brasil-União Soviética. No final desse mesmo ano, volta a colaborar em *O Imparcial*, e passa a assinar a coluna “Hora da Guerra”, e, após seis anos de proibição de suas obras, publica *Terras do sem-fim*. Em 1944, Jorge Amado lança *São Jorge dos Ilhéus* e separa-se de Matilde Garcia Rosa. Em 1945, a Segunda Guerra Mundial chega ao fim e, com a deposição de Getúlio Vargas, finaliza-se também o Estado Novo. Nesse mesmo ano, Jorge Amado casa-se com sua segunda e última esposa, a paulista Zélia Gattai, é eleito deputado federal pelo PCB e publica o guia *Bahia de Todos os Santos*. *Terras do sem-fim* é publicado pela editora Alfred A. Knopf, em Nova York, dando início a amizade com a família Knopf que daria notoriedade mundial para sua obra.

Jorge Amado publica, em 1946, *Seara vermelha*. Durante sua atuação como deputado, propôs leis voltadas à liberdade de culto religioso e à legitimação dos direitos autorais. Teve seu mandato de deputado cassado no ano de 1947, pouco depois de o PCB ser considerado à margem da lei vigente. Nesse mesmo ano, nasce João Jorge no estado do Rio de Janeiro, seu primeiro filho com Zélia Gattai. No ano de 1948, diante da perseguição política, Jorge Amado exila-se sozinho e de forma voluntária em Paris. Sua casa no Rio de Janeiro foi invadida pela polícia, que apreendeu livros, fotos e documentos. Zélia e João Jorge seguem rumo a Europa ao encontro do escritor. Eulália Dalila, a filha mais velha de Jorge Amado, morre no Rio de Janeiro em 1950. Neste mesmo ano, Amado e sua família foram expulsos da França em razão da sua atuação política, passando a residir no castelo da União dos Escritores, na Tchecoslováquia. Nesse período, percorreram pela União Soviética e pela Europa Central, fortalecendo as relações com os regimes socialistas.

Getúlio Vargas volta à presidência por eleições diretas no ano de 1951. Também em 1951, Jorge Amado recebe o prêmio Stálin, em Moscou. Nasce sua filha Paloma, em Praga. Em 1952, Jorge Amado retorna ao Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. O escritor e suas obras são proibidos de ingressar nos Estados Unidos durante o período do macarthismo. Em 1954, ocorre o suicídio de Getúlio Vargas. Nesse mesmo ano, Jorge Amado é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores e publica *Os subterrâneos da liberdade*. Termina por afastar-se da sua atuação de militante comunista.

Em 1956, a presidência da República é assumida por Juscelino Kubitschek. Em fevereiro deste ano, Nikita Khruchióv denuncia Stálin no 20º Congresso do Partido

Comunista da União Soviética. Jorge Amado se desliga do PCB. Surge, em 1957, a bossa nova, com João Gilberto, Nara Leão, Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, um verdadeiro marco para a música popular brasileira. A publicação de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, acarreta inúmeros prêmios ao escritor. O romance inicia um novo período da carreira do autor, que toma como base uma maior discussão em relação à miscigenação e ao sincretismo. Em 1959, tem início a Guerra do Vietnã. Jorge Amado ganha o título de obá Arolu no Axé Opô Afonjá. Conquanto se considerasse materialista, tinha enorme respeito e admiração pelo candomblé, por considerar uma religião "alegre e sem pecado". Em 1960, o Brasil vê inauguração da nova capital federal, Brasília.

Com o início de 1961, Jânio Quadros assume a presidência do Brasil, mas renuncia em agosto desse mesmo ano, passando João Goulart a assumir esse posto. Jorge Amado vende os direitos de filmagem de *Gabriela, cravo e canela* para a Metro-Goldwyn-Mayer, o que o fez construir a sua famosa casa do Rio Vermelho, em Salvador, onde passa a residir com a sua família de 1963 até o fim de sua vida. Ainda no ano de 1961, é eleito para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras. Nesse mesmo ano, publica *Os velhos marinheiros*, composto pela novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* e pelo romance *O capitão-de-longo-curso*. Em 1963, ocorre o assassinato do presidente do Estados Unidos, John Kennedy. O cinema Novo retrata a realidade nordestina em filmes como *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos, e *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha. Em 1964, inicia-se a ditadura militar no Brasil, que irá durar duas décadas, que eclode com a destituição de João Goulart por um golpe e Humberto Castelo Branco, este passando a assumir a presidência da República. No mesmo ano, Jorge Amado publica *Os pastores da noite*.

O Ato Institucional nº 5, em 1968, restringe as liberdades civis e a vida política. Em Paris, estudantes e jovens operários manifestam-se sob o lema "É proibido proibir!". Na Bahia, floresce, na música popular, o tropicalismo, liderada por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto e Tom Zé. Jorge Amado publica *Dona Flor e seus dois maridos* em 1966, e *Tenda dos Milagres* em 1969. Nesse último ano, o astronauta norte-americano Neil Armstrong torna-se o primeiro homem a pisar na Lua.

Em 1971, Jorge Amado recebe o convite de acompanhar um curso sobre sua obra na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Em 1972, publica *Tereza Batista cansada de guerra* e recebe uma homenagem da Escola de Samba Lins Imperial, de São Paulo, que desfila com o tema "Bahia de Jorge Amado". Em 1975, *Gabriela, cravo e canela* inspira uma novela de mesmo título produzida pela TV Globo, e acontece a estreia do filme *Os pastores da noite*, com direção de Marcel Camus.

Amado recebe o título de sócio benemérito do Afoxé Filhos de Gandhi em 1977, na cidade de Salvador. No mesmo ano, acontece a estreia o filme de Nelson Pereira dos Santos inspirado em *Tenda dos Milagres*. Em 1978, ocorre a anulação do AI-5 pelo presidente Ernesto Geisel, reinstaurando o *habeas corpus*. Em 1979, o presidente João Batista Figueiredo anistia os presos e exilados políticos e restabelece o pluripartidarismo. Ainda em 1979, o filme dirigido por Bruno Barreto, *Dona Flor e seus dois maridos*, é estreado. Pertencem a essa época os livros *Tieta do Agreste* (1977), *Farda, fardão, camisola de dormir* (1979) e *O gato malhado e a andorinha Sinhá* (1976) - este escrito em 1948, em Paris, como um presente para o filho.

Jorge Amado e Zélia Gattai, a partir de 1983, passam a morar uma parte do ano em Paris e outra no Brasil, já que no seu estado de origem, a Bahia, ele não mais atinge a tranquilidade necessária para prosseguir com a escrita. Fortalece no Brasil o movimento das Diretas Já. *Tocaia Grande* é publicada pelo autor em 1984. Em 1985, Tancredo Neves é eleito a ocupar a posição de presidente do Brasil por votação indireta, mas morre antes de tomar posse, o que enseja na presidência de José Sarney.

Em 1987, acontece a inauguração da Fundação Casa de Jorge Amado, marco que inicia uma grande reforma do Pelourinho. Em 1988, a Escola de Samba Vai-Vai é declarada a campeã do Carnaval em São Paulo, cujo enredo foi "Amado Jorge: A história de uma raça brasileira". Nesse mesmo ano, acontece a promulgação da nova Constituição brasileira – ainda vigente no país, e Jorge Amado publica *O sumiço da santa*. Em 1989, ocorre a queda do Muro de Berlim.

Fernando Collor de Mello, em 1992, o primeiro presidente eleito por voto direto depois do golpe militar de 1964, renuncia o cargo durante um processo de *impeachment*. Itamar Franco assume a presidência. Nesse mesmo ano, a União Soviética é dissolvida. Jorge Amado preside o 14º Festival Cultural de Asyiah, no

Marrocos, cujo título fora “Mestiçagem, o exemplo do Brasil”, e participa do Fórum Mundial das Artes, em Veneza. Em 1992, publica duas obras: *Navegação de cabotagem* e *A descoberta da América pelos turcos*. Em 1995, Fernando Henrique Cardoso (F.H.C.) assume a presidência da República, para a qual seria reeleito em 1998. No mesmo ano, Jorge Amado recebe o prêmio Camões.

Passados alguns anos após um enfarte e a perda da visão central, em 1996, Jorge Amado sofre um edema pulmonar quando estava em Paris. Em 1998, é o convidado de honra do 18º Salão do Livro de Paris, cujo tema é o Brasil, e recebe o título de doutor *honoris causa* da Sorbonne Nouvelle e da Universidade Moderna de Lisboa. Em Salvador, é finalizada a fase principal da restauração do Pelourinho, onde as praças e largos recebem nomes de personagens de Jorge Amado.

No dia 6 de agosto de 2001, após sucessivas internações, acontece o falecimento de Jorge Amado. Finda-se a vida desse autor ilustre, mas não o seu brilhante legado.

3 CAPITÃES DA AREIA - AS CRIANÇAS-ADULTAS

Capitães da Areia, publicado em 1937, é uma das obras mais marcantes de Jorge Amado. O romance foi escrito em meio ao chamado Estado Novo, em que a situação sociopolítica do país era marcada pelos duros e opressores métodos utilizados durante o governo de Getúlio Vargas. Alguns exemplares do livro foram queimados em ambientes públicos, já que Amado, nessa época, era envolvido ao Partido Comunista Brasileiro e deixava a sua visão política muito clara em seus romances.

Partindo desse ponto, explica-se quais as bases teóricas e políticas esse notável autor utilizou como guia para delinear as críticas sociais presentes em Capitães da Areia. A história conta as vivências de um grupo de crianças moradoras de rua que, abandonadas a própria sorte, cometem delitos buscando a sobrevivência. A obra é iniciada com diversas reportagens do jornal ficcional “Jornal da Tarde”, apontando como esse grupo era visto na capital baiana.

Essas reportagens trazem notícias sobre os feitos desse grupo de crianças e jovens, além de cartas do Juiz de Menores, do chefe de polícia, do Padre José Pedro e de Maria Ricardina, a costureira. As cartas das últimas duas pessoas mencionadas apresentam denúncias aos abusos cometidos dentro do reformatório. Contudo, diante da linearidade com que as cartas são apresentadas, principalmente após o que é dito pelo Juiz de Menores e o chefe de polícia, o citado jornal termina por reforçar os estigmas sofridos pelos Capitães da Areia e por todas as crianças e jovens que eram levadas a esse tipo de instituição. Embora ainda seja possível observar, nos tempos atuais, os abusos denunciados pelos personagens, estes eram muito mais evidentes no chamado período menorista.

As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave mestre, sr. Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. (AMADO, 2008, p. 20)

“Lá em cima, na Cidade Alta, os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o reformatório, que era pior que as prisões.” (AMADO, 2008, p. 113)

O grupo ocupava um velho trapiche abandonado na cidade de Salvador, localizado próximo à praia, em um terreno de areia, e é isso que dá o nome ao grupo e a obra. Lá se encontravam mais de cinquenta crianças, que costumavam fazer o que fosse preciso para alimentarem-se e conseguirem o que vestir. Diferentemente dos demais grupos de jovens moradores de rua, os Capitães da Areia organizavam-se de forma quase hierárquica, com regras e costumes próprios, fortalecidos por um sentimento de cooperação entre os integrantes.

“Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. (...) Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. O Sem-Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida.” (AMADO, 2008, p. 46)

A narrativa não apresenta um personagem principal. Ela se desenvolve com o foco no grupo dos Capitães da Areia como um todo, a partir das vivências de determinados personagens ao longo do período temporal que busca apresentar. Vale destacar que nenhuma data específica é mencionada na obra, contendo apenas dois marcos temporais: a morte do pai de Pedro Bala na greve das docas, que aconteceu na década de 1910, sem nenhuma precisão exata do ano, e a menção do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, que percorreu os estados do Nordeste brasileiro entre as décadas de 1920 e 1930.

Ao comparar a personalidade dos integrantes do grupo, é possível perceber que cada um deles tem uma função específica nas atividades. Pedro Bala, um menino órfão que nunca chegou a conhecer seus pais, é considerado por todos o líder. Em dado momento ele descobre sobre o passado de seu pai, que fora um estivador morto durante a mencionada greve das docas. A Informação foi obtida por João de Adão, que além de ser um dos grevistas, apresenta ao jovem Bala algumas das causas da luta dos movimentos sociais. O personagem termina se tornando uma pessoa engajada nas causas sociais.

O Professor era um dos mais próximos a Bala, e o auxiliava no comando do grupo. Ganhou este apelido em razão de sua grande inteligência. Sabia ler e costumava exercitar a leitura durante a noite, mesmo com dificuldades para enxergar.

Às vezes, lia livros para os outros integrantes do grupo. Também costumava fazer desenhos de pessoas nas ruas, com objetivo de conseguir algum dinheiro. Após a morte de Dora, resolve aceitar uma proposta que lhe foi oferecida, indo para o Rio de Janeiro, e se tornando um pintor famoso por suas obras.

O personagem chamado de Gato era assim apelidado por conta da sua vaidade. Buscava sempre vestir-se de forma elegante, mesmo com poucos recursos. Em certo momento da história, termina por se envolver com uma mulher chamada Dalva, que atuava como prostituta.

Pirulito era o personagem religioso do grupo. Apesar de cometer delitos, tinha o sonho de entrar para o seminário. Em meio ao seu conflito interno e temor a Deus, resolve afastar-se do cometimento de crimes, buscando outros meios de adquirir dinheiro. O Padre José Pedro, que sempre interviu em seu benefício, o ajudou na realização de seu sonho, o que o fez, de fato, iniciar seus estudos no meio religioso. João Grande era o personagem mais amigável, sendo respeitado por todos em razão da sua amabilidade e coragem.

Volta-Seca tinha o sonho de se tornar cangaceiro. Admirador declarado do cangaceiro Lampião, dizia-se seu afilhado, e desejava entrar para o seu bando, o que, por fim, conseguiu. "Crianças que estudam para cangaceiro na escola da miséria e da exploração do homem." (AMADO, 2008, p. 248)

Dora era a única menina do grupo. Aparece nele ao longo da narrativa, após sua mãe falecer durante a epidemia de varíola. Embora tenha entrado sem que a maioria quisesse, termina conquistando seu espaço, demonstrando sua coragem diante da situação de miserabilidade, além de mostrar empenho nas atividades desenvolvidas pelo grupo.

Sem-Pernas é o personagem com características quase contraditórias. A sua condição física, que deu origem ao seu apelido, e os traumas vivenciados o tornaram um menino ríspido e distante, sem grandes demonstrações de afeto. Buscava ridicularizar os novos integrantes do grupo como forma de fuga de si mesmo. Internamente, contudo, sentia pena de si e de todos. Foi preso por policiais, certa feita, e agredido de forma humilhante, o que o perseguia até durante seu sono. Termina com o fim mais trágico, morrendo durante um momento em que estava sendo perseguido por policiais.

Um dos fatos narrados mais impactantes é o momento em que as crianças estão reunidas próximas a um carrossel. Dentro da obra, os Capitães da Areia apresentam estilos de vida muito distantes do que deveriam ser as experiências características dos primeiros momentos de vida. A realidade cruel da miserabilidade não permite aos personagens o vislumbre da infância. Nas cenas do carrossel é evidenciado que os personagens não são adultos, mas sim crianças que precisam se portar como adultas para sobreviverem.

É bastante marcante também a descrição do período vivenciado pelos jovens do velho trapiche durante do surto de varíola, doença que era chamada popularmente por “bexiga”. A partir desse contexto é que se insere a personagem Dora. Durante a descrição dessa epidemia surgem diversas reflexões, como a precariedade do atendimento médico aos economicamente fragilizados, o estigma que a doença carregava, e a falta de assistência social às crianças que se tornavam órfãs.

Os integrantes do grupo costumavam ser bem sucedidos em suas empreitadas delituosas. Um dia, contudo, durante a execução de um roubo, Pedro Bala e Dora são apreendidos e levados pela polícia. Bala é dirigido ao reformatório indicado no começo da obra, enquanto Dora é levada a um orfanato administrado por freiras. Durante a estada no reformatório, Pedro é maltratado e submetido a situações extremamente degradantes. Ambos conseguem ser resgatados, posteriormente, pelos Capitães da Areia. Dora, porém, volta ao trapiche sem a sua saúde perfeita, estando bastante fragilizada, e termina por falecer pouco tempo depois. A morte da única menina do grupo é um grande marco, e, a partir dela, começam algumas rupturas drásticas.

Como é evidente, os acontecimentos históricos e políticos influenciaram Jorge Amado no modo como conduziu a sua narrativa. E é por essas influências que a obra tem esse caráter social e atemporal. A obra apresenta, na perspectiva dos jovens moradores de rua, como a sociedade e o Estado tratavam aqueles que eram marginalizados.

4 ANÁLISE DA FIGURA SIMBÓLICA DE CAPITÃES DA AREIA SOB A PERSPECTIVA DA CRIMINOLOGIA CULTURAL

O livro *Capitães da Areia* ganha destaque na literatura nacional por ser uma obra que traduz de forma fiel a realidade social. Jorge Amado, ao tentar reproduzir as vivências das crianças em situação de rua, cria personagens que representam símbolos.

Os textos literários, como rerepresentações do mundo não ficcional, ganham autonomia e criam seus próprios universos factuais. Por isso, é importante reconhecer o papel simbólico de cada figura criada pelo autor, o que cada uma representa e quais as suas funções dentro de seus contextos.

Cada personagem configura valores ideológicos que adquirem significação a partir do confronto com outros valores configurados por outras personagens. Não nos interessa interpretar objetivamente as experiências vivenciadas por elas, mas a maneira como este conteúdo é narrado. (LIMA, 2009, p. 16)

Os personagens são as partículas formadoras dos universos factuais criados pelas obras de literatura ficcional. Como tais, são pequenos pedaços de um quebra-cabeças, em que a análise de suas subjetividades, bem como seus desempenhos na história, são os meios de desvendar quais elementos do mundo real o seu criador - ou sua criadora - pretende representar.

4.1 Proposta da Criminologia Cultural

Um dos maiores atrativos dos livros ficcionais, independentemente do gênero literário, está na criação de novas realidades. Uma única história cria e recria inúmeras situações, na medida que sai do imaginário do autor ou da autora, conforme é recebida, compreendida e assimilada por seus leitores.

Uma obra como *Capitães da Areia* aponta um novo olhar para o mundo, cria novos paradigmas. No período em que surgiu, a legislação brasileira ainda refletia a marginalização da pobreza, bem como a interpretação unidimensional do crime cometido por jovens e crianças. A partir do intuito de resolver o crime sob uma única perspectiva, sem análise profunda das razões inerentes ao caráter humano desse fenômeno, surgem mais meios de aplicação de pena sem que sejam a real solução para o problema. Com essa obra - a qual não fora recebida positivamente em seu

surgimento - nasce uma nova forma de ver as pessoas moradoras de rua, que deixam de ser apenas números estatísticos e objetos de processos penais, e passam a apresentar identidade e personalidade.

Cada indivíduo desse universo amadiano é definido, com história, nome ou apelido, com caráter humano. A visão que se tinha outrora perdura nos dias de hoje em boa parte das camadas sociais, mas é imprescindível destacar que Capitães da Areia marcou e marca a todos aqueles que se dispõem a ler essa narrativa, levando a chama da esperança de uma visão mais humanizada em relação às classes econômica e socialmente vulneráveis. Os seus personagens, com diversas origens e personalidades, terminam por cometerem delitos, cada um com suas razões, cada um com sua subjetividade. Essa diversidade reafirma a pluralidade do existir, retirando a análise desumanizadora dos agentes do crime.

A criminologia cultural surge com o mesmo ímpeto, o de humanizar e analisar o crime respeitando as diferentes maneiras do que é ser um indivíduo. Tenta desprender-se de fórmulas matemáticas, ultrapassando a observação da infração penal com viés exato, considerando-a como um produto social com origem multifatorial, carregando em si a pluralidade humana. Desse modo, a partir dessa perspectiva da criminologia, é possível dizer que um crime pode apresentar o mesmo resultado, mas não a mesma origem. Para descobrir as razões dele, é necessária uma análise mais meticulosa, sem encará-lo como um fenômeno preciso.

Salo de Carvalho (2015) descreve essa corrente da criminologia como

(...) linha de pensamento derivada da criminologia crítica, a qual fornece fundamentais instrumentos de análise sobre poder, instituições penais e a dimensão econômica dos processos de criminalização. Agrega, porém, às duas orientações propriamente criminológicas a reorientação crítica fornecida pela teoria pós-moderna, construindo possibilidade de criação de pensamento híbrido, complexo. (...) Não obstante o importante resgate e a atualização da teoria do entiquetamento – dado que permite afirmar emergência de renovada crítica aos temas tradicionais dos modelos microcriminológicos positivistas (etiologia do comportamento desviante, natureza delitiva, periculosidade e estatísticas criminais), bem como o avanço em áreas de destaque da macrocriminologia crítica (processos de criminalização, estigmatização e seletividade das agências de controle) –, a criminologia cultural insere novos temas que corrompem os horizontes da

pesquisa criminológica, causando a dissolução de qualquer fronteira ou limite para investigação. (p. 73-74)

Já nos trechos iniciais da obra amadiana, é possível observar o modo como crianças e jovens infratores eram vistos na época. Embora hoje ainda exista estigmatização dessa parcela da sociedade, nesse período essa estigmatização era nítida até mesmo na legislação brasileira, que passava pela chamada fase “menorista”.

Até o surgimento da Constituição Federal de 1988, a legislação brasileira concernente à criança e ao adolescente estava disposta exclusivamente nos chamados Códigos de Menores. Primeiramente no Código de Menores, chamado de Código Melo Mattos, que vigorou no país entre os anos de 1927 e 1979, e, posteriormente, pela lei nº 6.697 de 1979, revogadora do primeiro código, que teve vigência no país até o surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Os Códigos de Menores tinham sua aplicação direcionada ao menor que estava na situação chamada de “patologia social ampla”. (MACHADO, 1986 *apud* FONSECA, 2012) Quanto ao chamado “Direito do Menor”, é importante observar a conotação inferiorizadora que esta designação tem, que traz consigo a inferiorização das crianças, como um reflexo histórico do papel social atribuídos a elas. (COELHO, 1994 *apud* FONSECA, 2012, p. 7)

Durante o período menorista vivenciado pelo Brasil, a criança e o adolescente que estavam em situação de “patologia social ampla” eram considerados em situação irregular. Ou seja, a responsabilidade da irregularidade da situação era desses indivíduos, não sendo atribuída aos seus pais e tampouco ao Estado.

Com a entrada em vigor do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a doutrina da Situação Irregular, prevista no Código de Menores de 1979, foi substituída integralmente pela doutrina da Proteção Integral. Sendo assim, o ECA reconheceu a existência de um novo sujeito de direitos, um cidadão portador de direitos e garantias, independentemente de sua raça, situação social ou econômica, religião ou qualquer diferença cultural, e que deveria ter para si a atenção prioritária de todos. (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 1-2)

Hoje, após o advento do ECA, a responsabilidade da situação irregular vivenciada pelo jovem e pela criança é de seus pais, quando não cumprem com as

obrigações inerentes ao poder familiar, ou do Estado, quando não cumpre com as políticas sociais básicas estabelecidas (SILVA, [s.d.] *apud* FONSECA, 2012, p. 9)

Desse modo, as crianças e jovens infratores eram vistas, sob a perspectiva legal, como as fontes dos problemas de criminalidade urbana, sem que fossem consideradas as razões que os levaram ao cometimento de crimes. O crime, observado desse modo tão objetivo, passa a ter uma origem quase inalcançável, sem que seja efetivamente desvendado. Essa objetividade interpretativa, que é um meio "rápido" de solução, termina por limitar a análise das causas da criminalidade urbana, cria uma falsa solução para o problema. Ao longo da obra de Amado, ao trazer as minúcias da vida desses que eram considerados como "em situação irregular", é permitida a construção de uma nova visão social, mesmo para aqueles que estão distantes do estudo sobre criminalidade.

A necessidade de construção de sistemas herméticos, isentos de contradições e lacunas, como é próprio do pensamento dogmático-penal, acaba por reduzir a pluralidade dos problemas relativos à violação de normas criminalizadoras à unidade interpretativa (crime) e à exclusividade da resposta (pena). (CARVALHO, 2015, p. 68)

Na obra de Amado, no primeiro capítulo, há uma reportagem do jornal ficcional "Jornal da Tarde", cujo título é "Crianças Ladronas". Já nos parágrafos iniciais do romance, é possível perceber que a origem do crime e toda a insegurança sentida pela sociedade civil soteropolitana era atribuída aos Capitães da Areia. Nessa reportagem, há um clamor por providências do juizado de menores e da polícia, para que haja "(...) extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou às prisões." Ainda no primeiro capítulo, na parte cujo título é "Carta do Diretor do Reformatório à Redação do Jornal da Tarde", é dito que os Capitães da Areia são um "(...) bando de delinquentes que amedrontam a cidade e impede que ela viva sossegadamente." (AMADO, 2008, p. 11-12)

Em ambos os trechos citados, há um reflexo de como eram vistas as crianças e jovens que terminavam por cometer crimes. Além de atribuir ao fato criminoso uma única causa, a responsabilidade era direcionada única e exclusivamente ao jovem infrator.

Esses jovens, vistos como potenciais agressores e criminosos, quase sempre aparecem como possível ameaça à ordem pública, caso não sejam contidos por medidas moralizadoras e punitivas, e produzem medo na sociedade, que se vê vítima nessa relação. (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 2)

Dentro de um contexto político e social em que a delinquência é analisada isoladamente, surge somente uma solução: a repressão. A não observância das causas induz ao erro de somente buscar a repressão dos efeitos. A sociedade se sente vítima dos atos infracionais, mas não percebe que ela própria armazena as causas que deflagram o crime urbano.

Nenhum ser humano pode ser analisado por uma perspectiva unidimensional. Cada indivíduo apresenta particularidades e peculiaridades inerentes às experiências, vivências e pelo que entende de si. Se ninguém pode ser analisado por uma perspectiva, como seria possível fazer uma análise acertada do crime sem que sejam percebidas as causas de seu surgimento, bem como o contexto em que o seu autor o produziu? É também a partir dessa pergunta que se pode analisar *Capitães da Areia*. Amado, mesmo não partindo dos pressupostos da criminologia cultural, traz ao mundo o contexto, a vida real, dos jovens e das crianças com esses tipos de experiências. A obra tira a cortina que separa a realidade e a ficção jurídica, apresentando o que está além do "ser criminoso".

Como disse Salo de Carvalho (2015), portanto, é "possível sustentar que a criminologia cultural procura entender o comportamento humano como reflexo das dinâmicas individuais e do grupo, das tramas e traumas sociais e de suas representações culturais." (p. 75-76)

4.2. Subcultura delinquente

Os integrantes do grupo *Capitães da Areia* apresentam em comum, além da situação de miserabilidade, o período da vida em que estão. Todos eles estão nos primeiros anos de vida, que são compreendidos como os períodos da infância e da adolescência. Essa fase é essencial para a formação da personalidade, pois é nesse estágio que se inicia a construção do modo como o indivíduo compreende o mundo e do entendimento do que é comportamento adequado. De acordo com Winnicott (2005, p. 116 *apud* PEREIRA; SILVA, 2017, p. 3)

(...) a adolescência faz parte do desenvolvimento humano e deve ser tratada não como um problema, mas como um processo no qual o adolescente, ao final, se tornará um adulto. Essa transformação do comportamento social do adolescente no comportamento social do adulto ocorre de forma gradual e envolve diversos aspectos do desenvolvimento humano, como o físico, intelectual, emocional e social.”

As fases iniciais da vida são percebidas de acordo com o modo em que esse processo construtivo íntimo se desenvolve. Mesmo em contextos semelhantes, cada um apresenta suas características pessoais. Se ao vivenciar experiências semelhantes o ser humano desenvolve atributos próprios, como os indivíduos não desenvolveriam características diferentes ao vivenciarem situações completamente distintas? O que acontecia outrora, e ainda acontece nos dias de hoje, é a exigência comportamental semelhante entre pessoas com classes e vivências sociais diametralmente opostas.

Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens na vida de miséria e de aventura, nunca tinham sido perfeitamente crianças. Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pai e mãe na vida da rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si.” (AMADO, 2008, p. 244)

Ao desenvolver os seus personagens de modos tão peculiares, embora todos habitem o velho trapiche, Amado dá o sinal da necessidade de amplificação da lupa que analisa e julga o crime. Não há exatidão no ser humano, tampouco entre seres humanos privilegiados e marginalizados.

Nessa fase, quando a personalidade e a identidade do indivíduo encontram-se em formação, o conhecimento dos diversos aspectos que circundam o desenvolvimento humano do adolescente é importante para a análise dos fenômenos psicossociais relacionados à prática do ato infracional.” (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 2)

A similaridade da vida entre aquelas crianças e jovens moradores de rua deu origem aos Capitães da Areia, que construíram, além de uma relação de amizade e respeito mútuo, um “código” de ética próprio. Aqueles que desrespeitavam esse “código”, eram expulsos do grupo. Era estabelecida uma obediência com vistas a atender às necessidades coletivas dos integrantes, sem que fosse considerado os

padrões morais que vigoravam para o resto da sociedade. Caso um integrante viesse a furtar outro integrante, por exemplo, era considerada uma grave falta, e levava à expulsão do primeiro, considerado um traidor. Contudo, um dos meios de obterem comida e dinheiro era a organização de furtos e roubos. Embora isso pareça contraditório, é necessário que se analise a situação com um olhar mais metuculoso, considerando que essas “crianças ladronas”, na verdade, não possuíam outros meios efetivos de saciarem a sua fome, seja ela física ou social. Eles criaram, mesmo que de forma tácita, um código moral próprio, uma subcultura própria, pois essa era a forma encontrada para suprir as privações a que eram submetidos.

A subcultura delinquente, por sua vez, pode ser resumida como um comportamento de transgressão que é determinado por um subsistema de conhecimento, crenças e atitudes que possibilitam, permitem ou determinam formas particulares de comportamento transgressor em situações específicas. Esse conhecimento, essas crenças e atitudes precisam existir, primeiramente, no ambiente cultural dos agentes dos delitos e são incorporados à personalidade, mais ou menos como quaisquer outros elementos da cultura ambiente. (SHECAIRA, 2011, p. 266 *apud* PEREIRA; SILVA, 2017, p. 8)

As “ausências” sofridas por jovens e crianças que são como os Capitães da Areia os levam à busca de algo que supra essa grande “falta”. Pode-se dizer que esta é grande por se tratar de um aglomerado de necessidades frustradas, nos âmbitos: familiar; social; fisiológico; humano. O sentimento que resta é o de não pertencimento, transformando o alvo da busca a satisfação dessa sensação. “A constituição das subculturas delinquentes representa, portanto, a reação de algumas minorias desfavorecidas na tentativa de se orientar, de se ver dentro de uma estrutura social.” (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 11)

Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. (...) Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. O Sem-Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida. (AMADO, 2008, p. 46)

A formação das subculturas não se trata necessariamente de contraposições à cultura dominante, mas sim de uma tentativa de alcançar a sensação de identificação

almejada mediante essa aproximação de semelhantes. Desse modo, a teoria da subcultura delinquente, além de explicar a formação de grupos semelhantes ao da narrativa amadiana, surge como um ponto de partida para uma análise mais humanizada do delito, seja na sua solução seja no meio de controle.

Destarte, a teoria da subcultura delinquente não se apresenta tão somente como uma contraposição à cultura dominante, mas ela se compõe da aprendizagem de técnicas que neutralizam os aspectos punitivos do controle social, os valores sociais da cultura dominante, de modo a justificar o comportamento infracional. (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 9)

É possível concluir, portanto, que a formação de uma subcultura delinquente simboliza uma tentativa de inserção social por parte de alguma minoria social e economicamente desfavorecida. É a busca de orientação e identificação.

(...) jovens pobres não nascem com o perfil criminoso, não escolhem essa identidade, mas num contexto de desigualdades sociais e desestrutura familiar, são levados a uma identificação com a subcultura delinquente. (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 14)

4.3. Direito além da normatividade

A Criminologia Cultural traz consigo a proposta de pensar o direito de forma menos objetiva, ultrapassando as análises meramente normativas. Percebendo a subjetividade do crime, sem uma visão linear e restrita, compreende-se a dimensão humana do ato criminoso, levantando os aspectos sociais, culturais e econômicos que o envolvem.

Pensar o direito e o crime somente pelo viés normativo é deixar escapar a realidade, a suposta “busca pela verdade real”. Como saber a verdade real sem considerar a verdade humana? Embora não seja possível alcançar todos os níveis de subjetividade e particularidades inerentes ao fato criminoso, é necessário que este seja percebido como de fato é, o produto de uma ação humana, cuja solução só será encontrada considerando-se as individualidades daquele que o deu origem.

O distanciamento da ficção jurídica da realidade cria uma insensibilidade às características do que é o ser humano. Há um apagamento da dignidade daqueles que não são ouvidos pela sociedade. Aos considerados pobres, que lutam

constantemente pela sobrevivência, é direcionado somente um olhar frio e distanciado, sem que se compreenda minimamente o que é a miséria ou o que é feito para sair dela. A história dos Capitães da Areia, ao trazer um olhar mais vivo e verdadeiramente interessado em aproximação, torna-se um clássico da literatura brasileira, traduzindo até os dias de hoje, depois de pouco menos de um século de sua publicação, o Brasil além da norma.

Apesar da importância das análises das teorias do direito, da criminologia, entre outras, o essencial é compreender o fenômeno social com vistas à realidade. Não existe direito sem sociedade. O comportamento daqueles que fazem análises com fulcro unicamente em desvendar as nuances da normatividade é mais propenso ao equívoco interpretativo, ao afastamento das soluções e da compreensão do ato delituoso.

O que é entendido como direito depende diretamente da vontade daquele que o interpreta. Assim sendo, o direito somente se aproximará da realidade quando os seus intérpretes buscarem isso efetivamente, sem esconderem-se atrás da cortina entre o mundo real e a ficção jurídica criada pela normatividade.

O distanciamento entre a normatividade e as vivências sociais não torna a aplicação do direito penal um processo transformador de indivíduos, mas sim num “processo estagnador”, que mantém o sujeito tão marginalizado quanto quando entrou no sistema penal, ou num “processo retrogradador”, que o faz sucumbir à condição de não humano.

A literatura, quando empenhada em descortinar a realidade, serve de auxílio para trazer novos horizontes ao mundo jurídico. Nela, encontram-se diluídas teorias verdadeiramente preocupadas em compreender o fenômeno social, que se aproximam com mais facilidade de soluções do que aquelas que têm por pressuposto o direito como um fim em si mesmo. O texto literário, que é uma manifestação de um universo simbólico, gera um grande espaço para se pensar e repensar sobre a construção normativa e se questionar sobre os porquês da não efetivação da justiça social.

5 ANÁLISE DOS PROCESSOS DE DESUMANIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO DE JOVENS E CRIANÇAS A PARTIR DE CAPITÃES DA AREIA

Embora a história dos Capitães da Areia se limite quase inteiramente a cidade de Salvador, capital baiana, o estilo de vida das crianças e jovens desse célebre romance, era, e ainda é, um retrato bastante fiel da realidade de boa parte dos que se encontram em situação de rua em todo Brasil. O que ganha maior destaque na história são as posturas adquiridas pelos personagens diante dos seus contextos sociais, que se colocavam como verdadeiros meninos-homens e, no caso de Dora, como verdadeira menina-mulher.

Amado deu voz aos que foram e são silenciados. A sua obra pode ser considerada como uma oportunidade de experimentação, que traz ao seu leitor vivências mais próximas das dificuldades reais que existem nas vidas dessa parcela da sociedade que é, em diversos aspectos, marginalizada; traz a dureza de ser parte excluída da sociedade desde os primeiros momentos da existência. Todos aqueles que se permitem sentir a obra acabam vagando por uma perspectiva distinta do que se está acostumado a encontrar na literatura, seja ela ficcional ou não.

As questões a respeito da dignidade dentro da infância costumam ser trabalhadas (isso quando realmente o são) a partir do prisma de indivíduos que se colocam como seres apartados dos problemas inerentes aos dilemas sociais, seja sob a interpretação do Estado-Juiz (que se mantém em posição distanciada da realidade e das vivências concretas de seu povo), seja pela interpretação das partículas sociais que não experimentam os conflitos oriundos das diferenças de classe. Análises mais distantes, sem considerar os fatores concretos originadores da desigualdade, costumam carregar em suas conclusões ideias que levam a crer na existência de uma essência criminosa; de uma potencialidade criminosa inerente à determinadas classes ou grupos sociais. Pode-se dizer, portanto, que a ignorância quanto aos problemas de classe, nesses casos, gera maior estigmatização daqueles que não são privilegiados economicamente.

O referido estigma tem suas origens nas necessidades do núcleo social que possui privilégios econômicos, uma vez que este núcleo precisa conseguir culpabilizar indivíduos em relação ao surgimento da criminalidade, sem que a sua cota de responsabilidade seja assumida. Essas necessidades terminam por criar arquétipos

de criminosos com características inerentes à miserabilidade, criminalizando a pobreza como se esta fosse a única causa de deflagração de um crime.

5.1. Crianças-adultas

A marginalização social foi, e é, a maior limitação que as crianças e os jovens em situação semelhante a dos Capitães da Areia enfrentam na luta diária. A necessidade de manutenção da vida pelas ruas da cidade fez com que os meninos que viviam naquele velho trapiche em Salvador se adaptassem e se acostumassem a viver como verdadeiros adultos, mesmo ainda tendo os anseios e sonhos de crianças. Os vícios, vida sexual ativa e a necessidade de buscar seus próprios meios de sobrevivência, transformaram, paulatinamente, cada um dos personagens criados por Jorge Amado, os colocando em situações nada usuais, seja para adultos ou crianças.

Durante a narrativa, a existência dos traços de anseios juvenis nesses jovens meninos é notável, o que auxilia o leitor a não perder de vista que não era uma história representando a vida de adultos, mas sim de crianças que precisavam se portar como adultos. Um dos momentos que aludem a ideia de que eles eram apenas crianças privadas de suas infâncias é quando todos eles ficam diante do carrossel. Ao descrever as sensações de Sem-Pernas nesse contexto, o autor diz que ele

Só vê as luzes que giram com ele e prende em si a certeza de que está num carrossel, girando num cavalo como todos aqueles meninos que têm pai e mãe, e uma casa e quem os beije e quem os ame. Pensa que é um deles e fecha os olhos para guardar melhor esta certeza. (AMADO, 2008, p. 70)

O carrossel representa uma centelha daquilo que eles não podem usufruir de fato. As luzes, as músicas e o momento de diversão os levam ao conforto da tão distante infância. Enquanto giram e apreciam as cores vindas do brinquedo, as crianças do velho trapiche esquecem-se da dureza de suas vidas e dos seus sonhos renegados. Com essa lembrança ao leitor da necessidade da infância digna, se vê, e se sente, a necessidade que todos têm dessas experiências nos períodos iniciais da existência. Como dito por Milton Hatoum (2008),

A brincadeira no carrossel é uma pausa da vida arriscada e marginal, uma entrega à magia e ao sonho da infância. A música - 'uma valsa velha e triste, já esquecida por todos os homens da cidade' - tem o poder de irmanar as crianças e de devolver a elas um pouco de alegria. Ao mesmo tempo é uma possibilidade de conquistar a liberdade, ainda que provisória. O narrador

alterna esses momentos de lirismo com cenas dramáticas, deixando em suspense ou adiando o desfecho de várias aventuras que vão sendo tramadas ao longo da narrativa.” (p. 278)

Essas experiências é que possibilitam o sentir-se humano. Àqueles que passam por situações tão desumanizadoras são os que mais carecem dessas vivências. Os trechos destinados aos momentos no Grande Carrossel ilustram a essência ainda infantil dos personagens. No giro do brinquedo,

(...) eles esqueceram que não eram iguais às demais crianças, esqueceram que não tinham lar, nem pai, nem mãe, que viviam de furto como homens, que eram temidos na cidade como ladrões. Esqueceram as palavras da velha de *Iorgnon*. Esqueceram tudo e foram iguais a todas as crianças, cavalgando os ginetes do carrossel, girando com as luzes. (p. 82)

5.2. Humanização dos socialmente marginalizados

Quando se tem certos privilégios é difícil imaginar uma vida sem que se possa deles usufruir. Essa falta de imaginação é o que induz a falta de empatia. Como imaginar viver sem algo que sempre teve ao dispor e sem qualquer esforço? Para os que conseguiram experimentar uma infância totalmente digna, é bastante desafiador imaginar-se sem essa vivência. Essa obra de Amado é um excelente mecanismo de indução a estas reflexões. Ela permite ao seu leitor sentir, minimamente, o que é a ausência de dignidade perante a sociedade; sentir o que é ser tratado como verdadeiro animal selvagem e ser considerado como pertencente à uma classe quase sub-humana. Em meio aos relatos do Pe. Zé Pedro ao jornal ficcional retratado na obra, quando fala do tratamento direcionado aqueles que estão no reformatório, ele diz:

As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave mestre, sr. Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. (AMADO, 2008, p. 20)

Nesses trechos introdutórios, o Pe. Zé Pedro já era inserido como um personagem que traz uma quebra de paradigmas. Indo num caminho contrário ao que vinha sendo narrado pelas autoridades, ele se apresenta como um elemento

humanizador dos jovens e das crianças na obra. Suas visões, ao longo de toda a história, fazem perceber que seu posicionamento sempre é embasado em um sentimento mais humana e empático.

O que se pode depreender disso é que, assim como a personagem de D'aninha, O Pe. Zé Pedro se mostrava presente e em contato constante com aquela parcela mais marginalizada da sociedade. Enquanto os que os enxergavam “como verdadeiras feras” só tinham contato com eles sob a perspectiva da violência e da desumanização causado pela institucionalização, esses líderes religiosos compartilhavam e participavam de outros momentos com os Capitães da Areia, e conseguiam, desse modo, enxergar com maior complacência a situação dos meninos e meninas moradores de rua.

O distanciamento social, tanto geográfico como econômico, afasta da visão da parcela mais abastada da sociedade esses que são marginalizados, que só terminam por ser notados em situações de violência. Os desprivilegiados são considerados somente como problemas, e não como fruto de uma grande desigualdade. Quando se está em maior contato com quem é marginalizado, é mais fácil apresentar empatia.

Esses jovens, vistos como potenciais agressores e criminosos, quase sempre aparecem como possível ameaça à ordem pública, caso não sejam contidos por medidas moralizadoras e punitivas, e produzem medo na sociedade, que se vê vítima nessa relação. (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 2)

A sociedade termina por enxergar a causa de seus anseios nos jovens marginalizados. Estes, que não são vistos como humanos, percebidos somente como criminosos e agressores em potencial, produzem o medo. Este medo (que se pode dizer que é o medo do desconhecido) gera a sensação de insegurança e clamores por mais medidas com caráter punitivo.

Poucas situações mostraram personagens que tratassem os meninos-homens e a menina-mulher como sujeitos verdadeiramente dignos. Os personagens de Padre Zé Pedro e da Don'Aninha são os elementos que, ao trazer algum conforto psicológico, afeto, atenção e respeito aos meninos e a menina do velho trapiche, dão oportunidade ao leitor de enxergá-los sob esse aspecto mais humano. Desse modo, enquanto a história mostra o processo de desumanização de pessoas em situação de

rua, esses personagens são instrumentos utilizados pelo autor para humanizar os Capitães da Areia e todos aqueles que estão em situação semelhante na vida real.

5.3. CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA E INSTITUCIONALIZAÇÃO

O livro foi produzido em um contexto histórico consideravelmente diferente da conjuntura atual. A legislação que vigorava outrora não é a mesma que está atualmente vigente. Contudo, os relatos que constam no romance, inspirados na realidade dos jovens e crianças da época, ainda são muito perceptíveis. A atemporalidade que marca esta ficção retrata um aspecto muito importante da literatura ficcional. Enquanto esta se mantém muito mais próxima da realidade, a legislação, também considerada como um texto literário, se delimita em estabelecer o dever-ser. Isto quer dizer que, por mais que a legislação atual tenha surgido posteriormente, num contexto histórico mais próximo dos progressos legislativos adquiridos no fim do século XX, o livro em questão está muito mais próximo das vivências e realidades das crianças que moram nas ruas do país do que o que diz o direito atualmente. Por mais que já existam as medidas provenientes da proteção integral à criança e ao adolescente em situação de risco, eles ainda são vistos como “(...) bando de delinquentes que amedrontam a cidade e impede que ela viva sossegadamente.” (AMADO, 2008, p. 21)

A vida dos Capitães da Areia não é, em nenhuma circunstância, o modelo do que deve ser a infância e a juventude de sujeitos com direitos. Conquanto os personagens se mostrassem mais satisfeitos com a vida nas ruas do que em outros lugares - como as instituições responsáveis pelo “acolhimento” de jovens naquelas situações -, isso não quer dizer que suas vidas se desenvolviam de forma verdadeiramente digna. Eles consideravam preferível continuar nas ruas simplesmente por saberem da maneira abusiva e com base em estigmas com que seriam tratados, especialmente por parte dos que deveriam ser os responsáveis pela tutela de seus direitos e de seus desenvolvimentos enquanto seres humanos.

Não surge, diante disso, um sentimento de identidade entre as instituições e os seus tutelados. Estes não se sentem acolhidos ou representados pelo Estado, o que os levam a não se sentirem compelidos a seguirem a ordem jurídica imposta ao resto da sociedade. Desse modo, “mesmo interiorizando os valores da cultura dominante,

jovens vindos de estratos sociais inferiores não se adequam às suas regras, criam, portanto, as suas próprias.” (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 11). Cria-se uma subcultura delinquente, que representa uma forma das minorias desfavorecidas orientarem-se dentro de uma estrutura social. A exemplo disso, na carta de Maria Ricardina, uma costureira que teve seus anseios publicados no já citado *Jornal da Tarde* descrito na obra, há um apelo para que as autoridades competentes fossem visitar o reformatório - que estava em foco nas notícias -, para que pudessem averiguar “(...) como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma.” E diz, ainda “(...) é por essas e outras que existem os Capitães da Areia.” (AMADO, 2008, p. 18)

Ao deixar evidente os rótulos sociais impostos a Pedro Bala, ao Professor, ao Sem-Pernas, a Dora e aos outros meninos, Amado leva os seus leitores a enxergarem como essa corrente de marginalização transforma as opiniões públicas e como isso afeta, inclusive, a percepção que o indivíduo marginalizado tem dele mesmo. Toda a imagem criada para os Capitães da Areia é fruto da estigmatização da pobreza, criada ora pelo Estado-juiz, ora pelos meios de comunicação e sociedade, incutindo, no seio social, a sensação de eterna desproteção e insegurança. Como dito por Salo de Carvalho (2015),

(...) a capturação do crime e do desvio pelo mercado e a sua transformação em produto consumível geram fenômenos de estetização, estilização, glamorização e fetichização, potencializando as representações e densificando, na cultura, simbologias, normalmente moralizadoras, sobre a questão criminal. A reverberação imediata de imagens e a criação de audiência e de consumidores dos produtos vinculados à violência movem complexa série de movimentos e de intersecções que (...) proliferam pânicos morais.” (p. 73 – 74)

Além de estimular a marginalização e estigmatização de certas classes sociais, a criação de um circo midiático em torno das questões relacionadas à criminalidade geram, por si só, a sensação de instabilidade social. Em razão dessa sensação de instabilidade, a sociedade busca meios de apaziguar esse sentimento, e não uma solução efetiva.

A criminalidade é recebida pela sociedade como um bem consumível através da mídia de massa, faz parte do movimento social do cotidiano da sociedade; (...) o enfoque dado pela mídia na busca sistemática de índices cada vez mais

altos de audiência e da venda de livros e revistas além de resultarem em lucro financeiro, resultam em uma constante crise de medo público do crime. (STREHLAU, 2012)

O estímulo constante ao medo traz consigo o assombro de um suposto perigo iminente, que gera a sensação de necessidade de medidas de urgência. Embora as medidas de urgência sejam necessárias, esquecem-se das reais causas do desequilíbrio. Sem maiores reflexões, encontram na institucionalização e unicidade da origem do problema - que atribuem tão somente a pobreza - o meio de amenizar os temores provenientes dessa falta de estabilidade.

O que há, ainda, é uma atuação do Estado que ignora todos aqueles que são colocados às margens da sociedade, seja por falta de interesse na solução da inexistência de equidade, seja por um contínuo distanciamento, em diversos aspectos, da realidade social e econômica daqueles que vivem em miserabilidade.

Os Capitães da Areia são classificados, de modo geral, como problemas sociais, ladrões e inimigos da paz urbana. É importante observar que esses estigmas são disseminados não somente pelo desinteresse do Estado em resguardar a dignidade mínima do povo, mas também, em alguns casos, a partir das rotulações provenientes de membros de instituições religiosas. Além de todos os adjetivos já citados, as crianças e os jovens do velho trapiche eram tidos como seres não merecedores da comunhão com entes da igreja. Em certo trecho do livro, por exemplo, quando o Padre Zé Pedro está com o mencionado grupo de meninos, no momento em que estavam próximos ao carrossel, surge uma senhora chamada Margarida Santos, certamente uma das beatas da igreja, que se dirige ao padre e diz:

O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta gentalha... (...) - Isso não são crianças, são ladrões. Velhacos, ladrões. Isso não são crianças. São capazes até de ser dos Capitães da Areia... Ladrões - repetiu com nojo. (AMADO, 2008, p. 81)

Trechos como este demonstram que, apesar de o Estado ter considerável responsabilidade pela difusão, de forma comissiva e omissiva, das injustiças sociais, os grupos e subgrupos existentes nas comunidades humanas formam seus próprios meios de disseminarem a desigualdade. Apesar de neste trecho do livro em questão não apresentar algo explícito, é sabido que um dos meios de formação de estigmas é

a propagação da ideia de um Deus vingativo e punitivo; uma ideia que aponta, na verdade, um anseio e desejo social de vingança, que busca a punição daqueles que são supostamente os culpados pela falta da ambicionada paz social. Não é percebido, porém, que esta paz só seria efetivamente possível se estivesse ao lado da justiça, ambas dissolvendo a desigualdade entre os privilegiados e os marginalizados.

5.4. Essencialização do criminoso

Nos textos introdutórios do livro, apresentados em formato epistolar, é manifestamente visível a presença da ideia de essencialização criminosa. Aqueles que eram tidos como propensos ao crime recebiam tratamento fomentador da marginalização social. Numa das reportagens publicadas pelo Jornal da Tarde descrito no livro, é dito que:

Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre chefe de polícia e o não menos ilustre dr. juiz de menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados." (AMADO, 2008, p. 13-14)

Desse modo, todos aqueles que estavam sujeitos à entrada nos reformatórios caracterizavam-se como os verdadeiros problemas sociais, que precisavam ser excluídos e colocados a margem, com objetivo de criar um "sossego" para os cidadãos. Os "semelhantes malandros" eram vistos como os problemas em si; a origem de todos os distúrbios sociais.

Durante o período em que o livro foi escrito e publicado, vigorava, no Brasil, o chamado Código de Menores, também conhecido como Código Melo Mattos, que teve sua vigência entre os anos de 1927 e 1979. A aplicação dos Códigos de Menores era direcionada ao menor que estava em uma circunstância tida como "patologia social ampla", o enquadrando em "menor em situação irregular". (MACHADO, 1986 *apud* FONSECA, 2012)

As instituições responsáveis pelas crianças e adolescentes pertencentes a classes sociais desprivilegiadas economicamente, ou que sofreram abandono, eram responsáveis também pelos que cometiam crimes. Todos estes - que estavam aptos a adentrar nessas instituições - eram considerados menores em situação irregular,

porquanto, eram, indistintamente, vistos como criminosos em potencial. Desse modo, a legislação da época interpretava a pobreza e a marginalidade como causas exclusivas da criminalidade infanto-juvenil, tendo na institucionalização a forma de tratamento mais efetiva para sanar os efeitos do problema. (ALMEIDA, 2013 p. 150) Ainda nos trechos introdutórios da obra, a carta publicada pelo Jornal da Tarde, de autoria do Juiz de menores, ilustra a institucionalização, a criminalização da pobreza e a visão essencializadora do crime, quando ele diz:

(...) os menores delinquentes que infestam nossa urbe (...) encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio de fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho onde são tratados com o maior carinho.” (AMADO, 2008, p. 16-17)

6 ANÁLISE JUSLITERÁRIA DOS PERSONAGENS

Uma parte do que o indivíduo compreende de si é resultado das suas interações sociais. Embora seja possível o desenvolvimento de um sentimento de indiferença aparente, é preciso reconhecer que, mesmo que de forma inconsciente, essas relações projetam resultados no modo como cada ser humano vê a si mesmo. As rotulações atribuídas aos meninos do velho trapiche fazem parte dos tipos de relações que eles mantinham com a sociedade e, conquanto não pensassem diretamente sobre, isso ressoava no modo de enxergarem-se dentro do meio social.

Rótulos estreitam não só o olhar daqueles que os criam e os compartilham, mas também horizontaliza a visão das suas vítimas. Desse modo, pode-se afirmar que os Capitães da Areia, como grandes alvos de estigmas sociais, tinham, na maneira de enxergarem-se, resquícios da introjeção desses estigmas; pode-se dizer que seus comportamentos também se originavam do modo como eles se percebiam, como indivíduos marginalizados.

A partir da análise de diversos trechos da narrativa é evidente como os componentes do grupo desenvolveram suas identidades, também com base nas concepções externas; acreditavam que jamais seriam algo além de ladrões, delinquentes ou inimigos da ordem. Como exemplo, há um diálogo entre o Professor e Pedro Bala, a respeito de uma proposta de ajuda recebida pelo primeiro através de um rapaz que tinha visto seus desenhos. Diante da recusa feita pelo Professor em guardar o cartão do então rapaz, desenvolve-se a conversa quando Pedro diz:

- O homem parece que era bem capaz de ajudar a tu a ser um pintor... - apanhou o cartão e leu o nome do homem. - Tu devia guardar. Quem sabe? Professor baixou a cabeça: - Deixa de ser besta, Bala. Tu bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão... Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão... - e sua voz se elevava, agora gritava com ódio. (AMADO, 2008, p. 142)

Os personagens têm suas personalidades muito bem marcadas por Jorge Amado. Hábitos, aspirações, medos, origens, levam o leitor a uma imersão no mundo dessas crianças, no mundo real. Quando essa imersão é alcançada, um convite é feito, o de desenvolver uma forte empatia pelos Capitães da Areia e por todas as crianças e jovens em situação semelhante. O autor, mesmo durante a exposição de comportamentos problemáticos de alguns personagens, contrapõe, dentro da

narrativa, as suas possíveis causas, sem os transformar em vilões, e sim em seres simplesmente humanos. O maior exemplo disso é o personagem Sem-Pernas, um jovem “coxo” (como se dizia outrora), que embora fosse tido como um dos personagens mais cruéis, foi apresentado também sob a ótica da fragilidade de um indivíduo que passou por diversos traumas, fosse pela sua condição física, fosse pela sua vida apartada de laços afetivos e familiares.

6.1. Sem-Pernas: o trapezista do circo

Sem-Pernas é o personagem que tem seus defeitos expostos pelo autor desde o primeiro momento em que surge na história. Sua personalidade era tida como a de o perseguidor e zombeteiro do grupo, sendo a intriga o principal meio de se comunicar com os demais integrantes. O modo quase sempre ríspido de se dirigir aos colegas de trapiche repelia a criação de maiores laços afetivos entre ele e seus companheiros. Como dito anteriormente, entretanto, Jorge Amado não transformou seus personagens em vilões, o que não foi diferente para Sem-Pernas. O seu modo particular de fazer brincadeiras – por vezes nada engraçadas - era um meio de aliviar as angústias decorrentes da miserabilidade de sua vida. Conquanto tivesse o hábito de tornar tudo um objeto de ridicularização, sentia, na verdade, pena de todos que estavam naquela situação.

Logo que um novato entrava para os Capitães da Areia formava uma ideia ruim de Sem-Pernas. Porque ele logo botava um apelido, ria de um gesto, de uma frase do novato. Ridicularizava tudo, era dos que mais brigavam. Tinha mesmo fama de malvado. (...) Muitos do grupo não gostavam dele, mas aquele que passavam por cima de tudo e se faziam seus amigos diziam que ele era um ‘sujeito bom’. No mais fundo do seu coração ele tinha pena da desgraça de todos. E rindo, e ridicularizando, era que fugia da sua desgraça. Era como remédio. (AMADO, 2008, p. 37)

As angústias e traumas de Sem-Pernas foram os aspectos que mais o aproximou de boa parte dos jovens em situação de rua da vida não ficcional, trazendo um caráter mais humano e profundo aos sentimentos expressos através de seu comportamento. Embora todos os personagens tivessem o anseio de poder conviver com suas famílias - como as crianças que usufruíam de fato de suas infâncias - o jovem personagem era o que mais demonstrava esse anseio em seu jeito de interagir

com os demais, tendo como agravante o estigma que o perseguia em razão da sua condição física.

Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida sempre fácil, arranjando o que come e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. (...) Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. O Sem-Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida. (AMADO, 2008, p. 46)

6.2. Experiência no Bairro da Graça

Sem-Pernas, além da luta diária para conviver com os estigmas oriundos da sua condição social, precisava lidar com o sentimento de inferioridade que existia dentro de si. Por meio dos traumas que sofreu, passou, do começo ao fim da obra, por situações de conflito decorrentes de sua condição social e física. Aqui o personagem é um sujeito em crise, que não consegue se sentir adequado nem com os outros e nem em seu íntimo. Enquanto externamente precisava esconder as sensações de não pertencimento a sociedade, sempre rindo, falando alto e apelidando os colegas, internamente era perseguido pelos traumas do passado; pelos pesadelos diários que nunca deixaram de persegui-lo. Todas as suas experiências transformaram-se em um poderoso combustível para alimentar o seu ódio geral, ódio de si e de todos.

A situação com maior evidência dos conflitos internos do personagem é quando, mesmo diante de uma oportunidade de finalmente alcançar um verdadeiro lar, não consegue se sentir pertencente ou merecedor. Essa oportunidade surgiu enquanto desempenhava uma de suas funções no grupo. Ele “era espião do grupo, aquele que sabia se manter na casa de uma família uma semana, passando por um menino perdido dos pais na imensidão agressiva da cidade.” Em razão de sua condição física, que deu origem ao seu apelido, Sem-Pernas conseguia “a simpatia de quanta mãe de família o via, humilde e tristonho, na sua porta, pedindo um pouco de comida e pousada por uma noite.” (AMADO, 2008, p. 33)

Tendo em vista essa “habilidade”, Sem-Pernas foi designado para uma missão em uma casa localizada no Bairro da Graça, que é conhecido por ser residência de famílias economicamente privilegiadas de Salvador. Após uma visita de Pedro Bala e

de Boa-Vida, percebeu-se que o melhor seria Sem-Pernas pedir auxílio na casa e, após passar alguns dias, informar aos demais Capitães da Areia quais seriam os melhores objetos para o furto, bem como o melhor meio de fazê-lo.

No dia seguinte a visita, por volta das onze e meia da manhã, Sem-Pernas apareceu em frente à casa. Ao ser atendido por Dona Ester, dona da casa, relatou: Dona, eu não tenho pai, faz só poucos dias que minha mãe foi chamada pro céu (...). Não tenho ninguém no mundo, sou aleijado, não posso trabalhar muito, faz dois dias que não vejo de comer e não tenho onde dormir. (AMADO, 2008, p. 120)

O silêncio que Dona Ester fazia ao fitar Sem-Pernas parecia indecisão. Entretanto, a presença dele a fizera recordar de seu filho, que tinha a mesma idade de Sem-Pernas, e levava para o túmulo toda a alegria dela e do marido. Acentuando as lembranças, Sem-Pernas apresentou-se sob o nome de Augusto, coincidentemente o mesmo nome do falecido. Diante da emoção da senhora “o Sem-Pernas agora olhava a senhora que desaparecia, e tinha raiva, mas não sabia se era dela ou de si mesmo.” (AMADO, 2008, p.122)

A emoção de Dona Ester se devia as lembranças de seu filho falecido. Ao ver o suposto Augusto diante de si, enxergou nele a possibilidade de reviver o que teve; de ter o filho de volta. Diante desse acolhimento, Sem-Pernas se vê surpreso, sem compreender o que se passava de fato. Estivera sempre acostumado a ser tratado com ares de incômodo, com falsas pretensões de caridade, sendo deixado com os demais funcionários da casa a contragosto.

Depois os Capitães da Areia invadiam a casa numa noite, levavam os objetos valiosos, e no trapiche o Sem-Pernas gozava invadido por uma grande alegria, alegria da vingança (...) Os donos da casa evitavam se aproximar dele, e o deixavam na sua sujeira, nunca tinham uma palavra boa para ele. (AMADO, 2008, p. 124)

O comportamento de Dona Ester o levou a surpresa e, conseqüentemente, ao sentimento de medo. Não sabia o que era agir sem o ódio e sem a dita "alegria da vingança". Sua vida, marcada pelas tramas particulares da existência de uma criança marginalizada, fora moldada de modo a lidar somente com sentimentos negativos. Habituar-se a ver o mundo com a mesma hostilidade com que era tratado.

E, de súbito, tem medo de que nesta casa sejam bons para ele. Sim, um grande medo de que sejam bons para ele. Não sabe mesmo por quê, mas tem medo. E levanta-se, sai do seu esconderijo e vai fumar bem por baixo da janela da senhora. Assim verá que ele é um menino perdido, que não merece um quarto, roupa nova, comida na sala de jantar. Assim o mandarão para a cozinha, ele poderá levar para diante sua obra de vingança, conservar o ódio no seu coração. Porque se esse ódio desaparecer, ele morrerá, não terá nenhum motivo para viver. (AMADO, 2008, p. 125)

Sem-Pernas, totalmente confuso, não soube compreender os sentimentos provindos daquela nova situação. Dona Ester e seu marido proporcionaram-lhe o aconchego de um lar, as carícias de uma mãe e tudo aquilo que sempre sonhara e nunca tivera. Após oito dias, depois de um breve encontro com Pedro Bala, ele soube que um dos Capitães da Areia, o Gringo, estava enfermo. Ao Gringo, Sem-Pernas sempre dirigia suas piadas, e era um dos que ele mais perseguia. Vendo-se como estava, em uma casa na Graça enquanto os outros ainda estavam no trapiche, sentiu-se um traidor.

Durante aqueles oito dias os Capitães da Areia continuaram mal vestidos, mal alimentados, dormindo sob a chuva no trapiche ou embaixo das pontes. Enquanto isso, o Sem-Pernas dormia em boa cama, comia boa comida, tinha até uma senhora que o beijava e o chamava de filho. (AMADO, 2008, p. 130)

Ele sentia que estava traindo e abandonando os seus iguais, que fora comprado pelo carinho de Dona Ester e por todo aquele conforto. Internamente, travou uma luta consigo mesmo, pois se por um lado Dona Ester só o tratava com carinho - e não poderia retribuir o bem com o mal -, por outro sentia que sempre seria um dos Capitães da Areia - sempre marginalizado. Por fim tomou sua decisão: não abandonaria os seus colegas de trapiche. Em meio a copiosas lágrimas, sentia-se triste por saber que ajudaria a furtar aqueles que o acolheram, o que trouxe a sensação que também estava furtando a si mesmo.

6.2.1 Conflitos

Diante de seu maior dilema, Sem-Pernas tomou a decisão de se manter fiel aos Capitães da Areia. Embora esta decisão estivesse amparada por todas as construções sociais que formaram seu modo de agir e pensar, sentia-se diferente. Acostumado a situações de espionagem como aquela, não sabia ao certo o porquê de seus anseios.

O que afligia Sem-Pernas era o conflito de duas coisas importantes dentro de si: Os Capitães da Areia versus o seu tão sonhado lar. Nunca fora tratado como naqueles dias no bairro da Graça, não sabia como lidar com aqueles novos sentimentos; não sabia ao certo que postura deveria tomar. Tomou a decisão que estava acostumado a fazer, mas não sabia o porquê. Dona Esther o tinha tratado como uma verdadeira criança, como sempre quis e ansiou e, mesmo assim, decidiu por seguir com o que planejara junto aos seus parceiros do trapiche.

Durante suas outras experiências de espião dos Capitães da Areia, ele não sentia remorsos pelo que vinha a fazer depois. Pelo contrário, sentia satisfação, a “alegria da vingança”. Não se sentia verdadeiramente acolhido, mas sim objeto de uma falsa caridade, revestida de algo muito diferente de compaixão e empatia.

Para o Sem-Pernas elas o acolhiam de remorso. Porque o Sem-Pernas achava que eles eram todos culpados da situação de todas as crianças pobres. E odiava a todos, com um ódio profundo. Sua grande e quase única alegria era calcular o desespero das famílias após o roubo, ao pensar que aquele garoto esfomeado a quem tinham dado comida quem fizera o reconhecimento da casa e indicara a outras criar esfomeadas onde estavam os objetos de valor. (AMADO, 2008, p. 125)

Aqueles que estão mais marginalizados, por vezes, encontram nas parcelas mais abastadas da sociedade verdadeiros inimigos. O Estado, que permanece ausente até o momento de repressão, acaba não sendo apontado como verdadeiro causador das desigualdades sociais. A responsabilidade da ausência de recursos é atribuída, desse modo, ao resto da população em geral, trazendo a raiva pela sociedade que não os recebe. Nesse sentido, Sem-Pernas aprendeu a ter ódio de tudo e de todos, destinando sua fidelidade e respeito somente aos que estavam em igual situação.

E se para alguém o Sem-Pernas abria exceção no seu ódio, que abrangia o mundo todo, era para as crianças que formavam os Capitães da Areia. Estes eram seus companheiros, eram iguais a ele, eram as vítimas de todos os demais. (AMADO, 2008, p. 130)

O conflito do personagem não se restringia em trair os seus amigos ou deixar os anseios juvenis de lado, mas também ao que ele acreditava no que era certo ou errado, e como ele construiu a própria personalidade. Sob a perspectiva da subcultura, é possível perceber que Sem-Pernas encontrava nos Capitães da Areia a estabilidade

emocional e social que procurava, apesar de todas os seus infortúnios. O ódio alimentava essa estabilidade, bem como a prática de crimes. Por essa razão, embora seus desejos tendessem a permanecer na casa de Dona Ester, a sua construção de certo e errado dentro do seu contexto social não o permitia. É preciso reconhecer, sob essa perspectiva, que apesar de a opção de continuar a residir no Bairro da Graça ter se mostrado a mais conveniente, isso geraria um conflito entre o que Sem-Pernas já construía como o aceitável no seu meio social. Dentro de si, a lealdade aos seus companheiros, já que já estava imerso no dilema entre respeitar a norma da cultura dominante ou trair as normas de sua subcultura – a subcultura dos Capitães da Areia – sentiu-se obrigado a sacrificar as exigências íntimas, que tanto o afligiam, a fim de defender as demandas do seu grupo de irmãos sociais. (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 10)

6.2.2. Construções internas de Sem-Pernas

A fase da adolescência faz parte do período em que os indivíduos estão construindo suas personalidades. É um momento da vida marcado por conflitos e formação das identidades, ambos com base nos valores que são apresentados ao adolescente. Por esta razão, os valores adquiridos nesse estágio, geralmente, são os valores impostos e apreciados pela cultura dominante. Contudo, quando se trata de adolescentes que não se sentem representados dentro do contexto social, o que termina por desenvolver no indivíduo atitudes subculturais.

A adolescência é marcada por uma fase de conflitos e de formação da identidade. Nela, as convicções da infância começam a se diluir e o indivíduo passa a desacreditar de seus valores e dos valores pregados por uma cultura dominante. Tais mudanças e descrença contribuem para a construção de sua identidade, e de certa forma, justificam atitudes subculturais. A subcultura diverge de uma cultura dominante, e o adolescente ao não se ver identificado, incluído nos valores desta, encontra na ação delituosa a sua inclusão, a possibilidade de criar os seus valores e de se ver pertencente a um grupo. (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 1)

O livro Capitães da Areia, por apresentar os personagens principais em fase de infância e adolescência, demonstra personagens que estão se desenvolvendo enquanto indivíduos sociais, e, em razão do contexto social em que são colocados, desenvolvem seus meios subculturais de reação a essa exclusão social.

Nessa fase, quando a personalidade e a identidade do indivíduo encontram-se em formação, o conhecimento dos diversos aspectos que circundam o desenvolvimento humano do adolescente é importante para a análise dos fenômenos psicossociais relacionados à prática do ato infracional.” (PEREIRA; SILVA, 2017, p. 2)

É imprescindível destacar que o conflito de Sem-Pernas diante da situação em que estava durante sua estadia no bairro da Graça, além de surgir em razão de uma experiência jamais vivenciada – afeto genuíno e um lar onde viver – surge também por se deparar com um conflito de personalidade inerente ao período da vida que estava vivenciando: a adolescência. Foi um momento em que precisou encarar aquilo que havia construído de frente, o levando a uma “bagunça interna”.

O fato de o grupo Capitães da Areia ter em sua composição crianças e jovens adolescentes não pode ser desprezado, já que a vivência de formação da personalidade é o que também os colocam em situações de conflito. Jorge Amado não diz com exatidão qual a idade dos seus personagens nesta obra, o que se sabe é que o velho trapiche é ocupado unicamente por adolescentes e crianças. Diante das vivências apresentadas, por vezes é esquecido que a obra é sobre seres em tão tenra idade, nas fases iniciais da vida, e não adultos.

Sem-Pernas, diante do seu comportamento, pode ser visto como um adolescente com tendências antissociais. O questionamento que deve ser feito é como essa tendência surgiu. Durante a obra são apresentados alguns fatos do passado do personagem que apontam possíveis causas desse constante sentimento de exclusão. O que mais o atormentava era um episódio de violência policial que vivenciou. Ele fora preso e torturado por policiais, que o surraram enquanto sorriam com alegria. Esse episódio era objeto diário de seus pesadelos, o que o fazia evitar, inclusive, suas noites de sono, sob o medo de vivenciar aquela experiência que atormentava seu subconsciente.

Além dessa experiência, Sem-Pernas pensava constantemente nas lacunas de sua vida: a falta de um lar digno, de amor familiar, de compreensão fraternal. Todos esses sentimentos de falta, recalcados ao subconsciente desse jovem personagem, tinham como resultado a sua personalidade pouco apreciada. Winnicott (2005, p. 125-126 *apud* PEREIRA; SILVA, 2017, p. 6-7)

Observa que diante de uma tendência antissocial na adolescência, há sempre um histórico de privação ou carência, que pode ser resultado de um estado de ausência, de depressão da mãe em um momento complexo, ou de dissolução da família, mas mesmo a privação menos violenta pode acarretar tendências antissociais. O autor aponta que anterior a uma tendência antissocial, há uma fase de saúde seguida de uma ruptura, e com isso, a criança antissocial, fazendo o uso da violência ou não, tenta fazer com que o mundo reconstrua a estrutura rompida.

A formação da personalidade de Sem-Pernas, portanto, desenvolveu nele um profundo sentimento de não pertencimento, não se sentindo parte do meio social. Não se identificando com o meio social, restou para ele a identificação com o ódio, o que lhe proporcionava uma certa estabilidade, não precisando se enxergar em outro meio. Por essa razão, o seu sentimento de pertencimento era atrelado à raiva da sociedade como um todo, com exceção, como já dito, daqueles que eram seus iguais. Ao falar de identidade, Bauman (2005, p. 44-45 *apud* PEREIRA; SILVA, 2017, p. 11)

(...) aponta que a identificação é um fator poderoso na estratificação social, já que coloca em um polo da hierarquia global aqueles que constroem e desarticulam suas identidades segundo a sua vontade, e no outro polo aqueles que não tem o acesso à escolha da identidade, aqueles que se veem oprimidos por uma identidade imposta por outros, sendo causa de estereótipos, humilhação, estigmas, rótulos etc.

O conflito interno de Sem-Pernas diante da decisão que tomou no incidente do Bairro da Graça o tornou ainda mais distante e triste do que já era. Mesmo tendo tomado uma decisão, seguiu com a dor do abandono. Antes sentia-se abandonado pela sociedade, após o incidente, tendo abandonado a oportunidade que tanto sonhara, sentia que tinha abandonado a si mesmo. A sua decisão tinha por base esse sentimento de não pertencente à sociedade. Mesmo desejando profundamente continuar morando com Dona Ester, toda a sua personalidade e identidade estavam com os Capitães da Areia, da subcultura que criou seus valores mais íntimos, e acreditava que jamais poderia ser diferente.

O Sem-Pernas luta consigo mesmo. Gostaria de continuar naquela vida. Mas que adiantaria isso para os Capitães da Areia? E ele era um deles, nunca poderia deixar de ser um deles porque uma vez os soldados o prenderam e o surraram enquanto um homem de colete ria brutalmente. (AMADO, 2008, p. 130-131)

7 CONCLUSÃO

Capitães da Areia, mais do que uma denúncia à cegueira do direito em relação às injustiças sociais, é uma obra que traz um registro histórico. Embora tenha sido produzida no começo do século passado, ainda é possível traçar semelhanças com o vivenciado hoje.

A obra analisada no presente trabalho cria novos paradigmas sociais. No momento de seu surgimento, o direito brasileiro ainda era muito carregado dos traços fortalecedores da marginalização da pobreza, em que penalidades eram aplicadas às crianças e aos jovens sem um intuito educacional ou necessariamente relação com o cometimento de crimes. Com Capitães da Areia – que, a princípio, não foi bem recebida - nasce uma nova forma de ver as crianças moradoras de rua, que deixam de ser apenas números estatísticos e objetos de processos penais, e passam a apresentar identidade e personalidade. Nela é possível sentir a proximidade da literatura com o mundo real. A ligação desse universo ficcional com o universo real é que torna a criação de Jorge Amado um grande clássico da literatura brasileira.

Os personagens são os elementos formadores dos universos criados pelas obras de literatura ficcional. Como tais, são os pedaços de um quebra-cabeças, em que as análises de suas subjetividades, bem como seus desempenhos na história, demonstram os meios de desvendar quais elementos do mundo real o seu criador - ou sua criadora - pretende representar. A literatura, quando apresenta o objetivo de descortinar a realidade, auxilia na criação de novos horizontes para o mundo jurídico. Ela gera um grande espaço para se pensar e repensar sobre a construção normativa e cria questionamentos sobre os porquês da não efetivação da justiça social.

A criminologia cultural surge com um intuito: humanizar e analisar o crime respeitando as individualidades e particularidades de cada ser humano. Tenta desvincular-se de fórmulas matemáticas, ultrapassando a observação da infração penal de modo unilateral, considerando-a como um produto social com origem multifatorial, carregando em si a pluralidade dos indivíduos. Desse modo, para descobrir as razões de um crime, é necessária uma análise mais meticulosa, sem encará-lo como um fenômeno preciso. Estudar Capitães da Areia sob essa perspectiva do direito é observar a insuficiência normativa da época em que a obra foi lançada, além de entender o que ainda pode ser melhorado nos dias de hoje. A

narrativa demonstra que o cometimento de crimes não afasta do indivíduo o seu lado humano. E, antes de criminosos, os jovens que centralizam a história são pessoas privadas de sua dignidade, sem seus direitos básicos garantidos pelo Estado ou sociedade.

Ainda sob essa perspectiva, é possível compreender a formação das subculturas delinquentes, que não se tratam necessariamente de contraposições à cultura dominante, mas sim uma tentativa de alcançar a sensação de identificação almejada mediante a aproximação entre semelhantes. Isso é o que ocorre com os meninos formadores do grupo Capitães da Areia, uma vez que eram excluídos socialmente e precisavam encontrar nesta formação a família que não tinham. Era por meio da companhia que faziam uns aos outros, bem como do cultivo dos mesmos hábitos (mesmo que contrários ao que era vigente como certo), que se sentiam pertencentes a algo.

A teoria da subcultura delinquente, além de explicar a formação de grupos semelhantes ao da narrativa amadiana, surge como um ponto de partida para uma análise mais humanizada do delito. Portanto, é possível concluir que a formação de uma subcultura delinquente simboliza uma busca pelo sentimento de inserção em meio a sociedade, feita por uma minoria social. Há um apagamento da dignidade daqueles que não são ouvidos pela sociedade. Aos considerados pobres, que lutam constantemente pela sobrevivência, é direcionado somente um olhar frio e distanciado, sem que se compreenda minimamente o que é a miséria ou o que é feito para superá-la. Amado deu voz aos que foram e são silenciados, pois trouxe a dureza de ser parte exclusiva da sociedade desde os primeiros momentos da existência.

Os personagens da obra em questão consideravam preferível continuar nas ruas simplesmente por terem consciência da maneira abusiva e com base em estigmas com que seriam tratados em outros espaços, especialmente por parte dos que deveriam ser os responsáveis pela tutela de seus direitos e de seus desenvolvimentos enquanto seres humanos. Por essa razão, não surge um sentimento de identidade entre as instituições e os seus tutelados. Estes não se percebem acolhidos ou representados pelo Estado, o que os levam a não se sentirem compelidos a seguirem a ordem jurídica imposta ao resto da sociedade.

As rotulações atribuídas aos meninos do velho trapiche fazem parte dos tipos de relações que eles mantinham com a sociedade e, conquanto não pensassem diretamente sobre isso, ressoava no modo de enxergarem-se dentro do meio social. Rótulos reduzem o campo de visão não só daqueles que os criam e os compartilham, mas também das suas vítimas. Desse modo, pode-se afirmar que os Capitães da Areia, como grandes alvos de estigmas sociais, tinham, na maneira de enxergarem-se, resquícios da introjeção desses estigmas; seus comportamentos também tinham origem na maneira como eles se percebiam, como indivíduos marginalizados, que jamais seriam algo além de ladrões, delinquentes ou inimigos da ordem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bruna Gisi Martins de. Socialização e regras de conduta para adolescentes internados. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v.25, n. 1, p. 149-167, 2013. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/publicacao/socializacao-e-regras-de-conduta-para-adolescentes-internados/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARVALHO, Salo de. **Criminologia Cultural e Pós-Modernidade: Aportes Iniciais e Perspectivas Desde a Margem. Antimanual de Criminologia**. São Paulo: Saraiva, 2015. p. 63 – 83.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SOUZA, Carla Delgado. **Cronologia**. In: AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 279 - 283

HATOUM, Milton. **O carrossel das crianças**. In: AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 273 – 278.

KARAN, Henriete. **Questões teóricas e metodológicas do direito na literatura: um percurso analítico-interpretativo a partir do conto Suje-se gordo!, de Machado de Assis**. Revista Direito GV, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 829 – 865, set-dez, 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revdireitogv/article/view/73327/70469>. Acesso em: 15 set, 2020.

LIMA, Bernadete Grob. Introdução: Considerações metodológicas. **O percurso dos personagens de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P. 11 – 17.

FONSECA, Antonio Cezar Lima. **Princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente. Direitos da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 1 - 37.

PEREIRA, Joselma Gomes; SILVA, Lucas Gomes da. **Uma análise da teoria criminológica da subcultura delinquente no contexto de adolescentes autores de atos infracionais**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 14., 2017, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Disponível em: https://cidh2017.files.wordpress.com/2018/01/bn_gt9-10.pdf . Acesso em: 15 mai. 2020

STREHLAU, Julian Chaves. **Criminologia Cultural**. Porto Alegre, nov. 2012. Disponível em: https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/juliana_strehlau.pdf. Acesso em: 10 mai, 2020.